

Não há melhor
Barca Velha do que
o mais recente ■ PIV

Eleições nos EUA:
um livro no meio
do processo ■ PIV

“Sempre fui muito crítico da União Europeia”

Por entre concertos dos Xutos em versão acústica e a solo no Porto, Tim fala sobre temas como a carreira, a saída de Ferreira do Alentejo e os tempos em Almada. Mas também do Orçamento e da Europa. ■ PIV/III



ENTREVISTA Tim
Cantor e compositor

“O Orçamento caminha para ser de esquerda”

Sobre a saída de muitos jovens, o artista comenta: “Quando houver melhor distribuição do rendimento, o trabalho e os produtos forem mais valorizados, as pessoas podem voltar.”

Paulo Jorge Pereira
ppereira@jornaleconomico.pt

Catarina Martins disse que este Orçamento não é de esquerda: concorda?

Claro que não é, porque ainda estamos a tentar tirar umas migalhinhas ao capital para distribuir pela força de trabalho. E isso é o que distingue esquerda e direita. No fundo, trata-se de um orçamento que tenta ser e caminha para ser de esquerda.

Como tem seguido os ajustamentos económicos feitos em Portugal?

Portugal tem grandes potencialidades e tem sofrido com uma espécie de oscilação, um movimento pendular que, quando começou, era um bocado consensual, mas agora o país ficou de tal maneira com descontrolo do centrão que é impossível de parar, não há um ponto de equilíbrio. Isso leva a medidas de maior susto. Nunca percebi muito bem a vantagem dos anos da troika, houve uma série de pessoas que tocaram umas campanhas e pareciam umas galinhas tontas a tomar medidas. Mas o modelo é que tem de evoluir para outro lado, porque como estamos o modelo de crescimento não consegue sustentar isto.

Compreende o que tem feito o atual Governo?

Sim, há uma alteração evidente e existe um estado de graça como sucede também com Marcelo que fazem contraste com o que se viveu antes, uma situação que parecia de funil onde já ninguém queria dizer alguma coisa, não valia a pena. Agora parece que as pessoas querem fazer coisas, investir, o turismo está em alta, estamos sempre a tempo de recorrer ao potencial, mas tenho pena que muita gente saísse do país e agora não se possa recorrer a eles. Quando houver me-

lhor distribuição do rendimento, quando o trabalho e os produtos forem mais valorizados, as pessoas podem voltar para cá.

Gostou do desempenho de Cavaco Silva como Presidente da República?

Não.

Porquê? Já não gostara do papel como primeiro-ministro?

Não me agradou. É uma figura, é uma atitude, é uma maneira de estar, uma filosofia, mas não é a minha e não gostava daquilo.

E como encara o desempenho de Marcelo Rebelo de Sousa?

É exatamente o contrário, mas também não é a minha filosofia e não votei nele, mas pelo menos mostra capacidade de manter as pessoas focadas nos problemas que mais ou menos interessam.

Qual é o lugar de Portugal na União Europeia?

Sempre fui muito crítico da União, já escrevi canções sobre isso e tudo, porque sempre pensei que havia diferenças culturais que estariam em choque com o modelo da Europa que estávamos a tentar enfiar aqui. Acabámos por ser olhados, du-

Há contraste com o que se viveu antes, uma situação que parecia de funil em que já ninguém queria dizer alguma coisa

rante muito tempo, como mais 10 milhões a quem se podia vender produtos.

António Guterres como secretário-geral da ONU parece-lhe certo?

É positivo, especializou-se naquelas tarefas sem que muitos se apercebessem, fez carreira nas relações internacionais e penso que é pessoa para dar murros na mesa quando é preciso. Aquela imagem que ficou dele como primeiro-ministro apareceu no fim e ficou, mas não era essa que devia ter ficado.

Como analisa a situação dos refugiados na Europa?

Mais um paradoxo. Numa dada altura, os países do norte olharam para as pirâmides etárias e do rendimento, duvidando da sustentabilidade da economia. Abriram as portas a uma imigração selecionada, como sucedera com turcos e portugueses, que forneceu mão-de-obra e força contributiva. E assim se viveu mais uns anitos antes das fraudes alemãs. Esse caminho ficou aberto e, quando foi possível entrar na Turquia, deu para chegar à Alemanha. Este problema tem mais de 10 anos, sendo consequência de uma série de problemas das guerras e conflitos no Médio Oriente ou, mais recentemente, de uma primavera árabe descontrolada.

Faz sentido que se construam muros e outras barreiras para limitar entradas?

Não pode ser! É uma tristeza e as pessoas não têm outra hipótese. Os ingleses, para continuarem em casa a gozar as pensões, a tratar da gataria e das flores, precisam de uma força de trabalho contributiva. Alguém vai ter de trabalhar por eles...

Nasceu em Ferreira do Alentejo: o que significa hoje para si?

É um belo exemplo. Embora fosse uma vila sempre com alguma genica, parecia condenada ao abandono e vítima da imigração

– o meu caso é um exemplo, os meus pais vieram para Almada em 1963 e eu vim um ano depois –, mas, de repente, com o plano de rega do Alentejo, com o investimento espanhol, com o azeite, a terra respira uma energia difícil de encontrar noutras.

Quando lá vai tratam-no por Tim?

Sim, toda a gente, a alcunha vem de lá e nasceu porque a minha irmã mais velha não conseguia dizer Toninho [risos]. E lá em casa havia a mania das alcunhas...

Onde foi parar o engenheiro agrónomo que é a sua formação?

Ainda cá está, mas nunca foi grande coisa, nunca teve oportunidade de desenvolver o seu potencial, só até acabar o estágio.

Há trabalhos seus nessa área?

O único que fiz foi um estudo comparativo de métodos de rega de superfície, parte de investigação grande do Instituto do Arizona. Conforme os dados do clima e das quantidades de água, havia três métodos de rega em estudo. O meu papel era preparar o estudo, andar lá o verão todo com umas maquinetas, uns tubos e galochas a medir a água entregue aos campos de milho de Coruche [risos].

Alqueva deixa-o satisfeito?

Alqueva é bom...

Revitalizou o Alentejo?

Essa é outra conversa... Essa e outras. Isso é uma discussão que não faz muito sentido. O melhor que lá havia era o “construam-me, porra!” Não faz sentido que coisas estejam paradas à espera de uma decisão que se sabe qual é e quanto mais se adia mais caro fica, pior é.

Como foi crescer em Almada naquela altura?

Foi porreiro, Almada era uma cidade em desenvolvimento, brinquei o tempo todo nos buracos dos prédios em construção, não havia muito que fazer, mas não faltavam meios, nem gente jovem. ■





“Com os Xutos fizeram-se coisas inacreditáveis”



scfsdfscfsdfsf

Como é o trabalho a solo?

O trabalho a solo é algo em que construo canções começando pela letra e depois toda a canção, uma coisa que não sucede nos Xutos. São canções de raiz, feitas de mim para mim [risos]. Com a ajuda dos outros músicos que vão colaborando no projeto tenho levado isto ao público e feito carreira num andamento engraçado.

É mais difícil?

Não, mas estamos mais debaixo de foco. Todos os trabalhos têm os seus dias e exigências. Mas, quando se está num grupo como a Resistência, com outros 10 colegas em palco, é mais repartido.

Como revê os trabalhos a solo?

Antes do primeiro disco, tínhamos acabado de fazer o “Dados Viciados” e os Xutos estavam numa fase muito boa, eu tinha feito o Rio Grande e os meus colegas disseram que havia uma fronteira ali entre as duas coisas que eu podia aproveitar. Estava muito preso à minha forma de trabalhar dentro do rock, mas fiz o primeiro disco, “Olhos Meus”, com banda pequena – baixo, bateria, piano e guitarra – e tentei passar para o piano todos os fraseados para ter uma sonoridade diferente. Ainda foi um trabalho de rock com canções como o “Voar”. No “Um e o Outro” foi um trabalho mais independente, já com o Pedro Gonçalves no contrabaixo, canções mais estranhas, calmas e oníricas. Aí apareceu a canção com a Mariza e o Mário Laginha. O terceiro disco foi outra iniciativa independente, a banda desfizera-se e comecei a trabalhar no “Braço de Prata” num formato café. Convidei o Moz Carrapa, com oito ou nove músicas fizemos o tronco e todas as quartas-feiras acrescentava um músico, daí se formando a banda. Eram peças soltas como o “Por Quem não Esqueci” ou Adriano Correia de Oliveira. Daí partimos para o “Companheiros de Aventura” que se iniciou num encontro com a Mariza no palco mundo do Rock in Rio, motivando-me a convidar outras pessoas para intercâmbio de músicas. A partir de certa altura tive sempre versões de outros cantores.

Participa em projetos como Resistência, Cabeças no Ar, Rio Grande, Tais Quais: precisa disso?

É parte da minha vida profissional, apresentando-se como caminhos de desenvolvimento e desafio.

São também outras formas de se expressar para lá dos Xutos?

Sim, nos Xutos é um trabalho de conjunto, cinco peças a funcionar para o mesmo lado. As coisas entram de forma incipiente e transformam-se nas músicas que toda

a gente conhece. Na Resistência escolhemos e trabalhamos temas, depois executamos um trabalho muito rigoroso. Os outros são projetos de música popular: o Rio Grande é de música popular, escrito pelo João Monge e pelo João Gil; os Cabeças no Ar são um projeto de música urbana popular, escrito pelo Carlos Tê e pelo João Gil; os Tais Quais são urbanos, mas tornados populares, são um conjunto de celebração.

Os 37 anos de Xutos representam o quê, além de uma vida?

A palavra é satisfação, viveram-se momentos muito bons, fizeram-se coisas inacreditáveis, muitas vezes pequenas ideias de miúdos transformaram-se em coisas maravilhosas, outras nem tanto. Conhecer muitas pessoas, partilhar muitos públicos, fazer crescer o público neste país foi muito engraçado, tal como fazer crescer o espetáculo para uma situação digna e remuneradora, fazer com que os meus colegas artistas também tivessem respeito em palco e que toda a classe ganhasse com isso (e ganhou!). Os 37 anos passam por esta espécie de exposição pública com todas as canções e, por trás disso, muitas semanas de empenhamento, fazer o espetáculo melhor e com que os outros façam coisas melhores, puxar tudo para cima e ter todos a ganhar com isso em vez de espremer o limão e fugir, levando o burro com o ouro para casa. Os 37 anos têm a ver com esta manutenção de atitude.

Em que mais se revê?

Os grandes concertos dos Xutos sempre foram as celebrações dos 20, 25, 30, 35 anos – sempre foram concertos muito arriscados e sempre resultaram bem. Foram trabalho de equipa e a nossa vontade de encarar com alegria e sem preocupação. Revejo-me nesse trabalho de muito tempo, mas

[Nos Xutos] muitas vezes pequenas ideias de miúdos transformaram-se em coisas maravilhosas, outras nem tanto

também em projetos como o Voz e Guitarra ou num mais antigo, o Filhos da Madrugada, homenagem ao Zeca Afonso, em que fui produtor e metemos tudo o que era banda nova a cantá-lo. E, a partir daí, passou a entrar no cancionista das bandas.

Fenómeno de popularidade e longevidade, como olham os Xutos a música portuguesa hoje por comparação a 1979 quando começaram?

Não sabíamos tocar quase nada, não havia muitos sítios onde ensaiar, os instrumentos eram caros e maus, a televisão era uma coisa incipiente a preto e branco com dois canais, as oportunidades de demonstração da nossa pouca capacidade não eram muitas. Mas, como ainda hoje, o que não há inventa-se, fomos tocando em festas, fomos aprendendo, tocando cada vez melhor, as guitarras também melhoraram, o som evoluiu, as canções diferentes, o público gostou e passou a ir mais aos concertos. Agora os espetáculos são grandes, há qualidade de luz e som, as canções são o que são, o público gosta e a música portuguesa cresceu, está melhor. Há mais artistas portugueses a quem se deve ter atenção como se pode ver pelas próprias agendas dos concertos – lá está a tal dimensão da dignidade que se ganhou, porque em 1979 não havia esse respeito pelo espetáculo.

O que vai ser o Xutos acústico?

Não será grande surpresa, porque já há CD e DVD, podem prever o que vai acontecer. Não há necessidade de manobras mirabolantes ou convidar este ou aquele, porque vamos tocar aquelas músicas e partilhá-las naquelas datas, tal como farei no meu concerto a solo no Porto, no dia 3. Gosto de ter convidados, porque é uma forma de abrir janelas, de nos divertirmos e a casa ficar um bocadinho diferente, mas também não se pode correr o risco de ser como pastéis de nata que levam chantilly e uma cereja e, quando se dá por isso, já são uma coisa diferente. Vamos fazer o que fizemos para o disco no ano passado e será uma oportunidade para visitar esse trabalho.

Do alto dos 37 anos do vosso percurso consegue ver o final em que alguém dirá que já fizeram tudo o que queriam?

Espero bem que não seja assim. Pode haver um ou mais a dizer que, daqui para a frente, por questões da vida pessoal, não pode. Há sempre coisas para fazer e imaginar, muito velhotes, vamos ao seminário do Redondo falar com os outros [risos] ou receber uma medalha... ■



Fotografia com RA



GOURMET

A Barca nova

Habemus Barca Velha. A colheita de 2008 foi entronizada no mais mítico dos vinhos nacionais. Já o provámos e nem sabemos por onde começar. Provavelmente, pelo princípio...

Bruno Lobo

blobo@jornaleconomico.pt

Era uma vez um vinho. Não, espere, era uma vez um homem que decidiu criar um vinho. Assim está melhor, porque estamos a falar de um visionário que decidiu fazer um vinho como nunca antes se tinha visto em Portugal. Como nunca mais se viu outro desde então.

A vida de Fernando Nicolau de Almeida dava um filme. Empreendedor e excêntrico, ficam para a história os camiões carregados de gelo que mandava para a estrada, entre curvas e contracurvas pelas serras do Alto Douro, até finalmente chegarem àquele vale perdido no tempo. Tudo para que a fermentação nunca ultrapassasse os 30 graus, o que não era fácil no Douro. Fernando Nicolau de Almeida viajou, aprendeu e soube utilizar esses conhecimentos para produzir vinhos muito melhores do que por cá se fazia. Nos anos de 1940 e 1950 era-lhe mais fácil viajar para Bordéus ou Borgonha do que para o Meão. “É mais difícil lá chegar do que a Luanda” – a frase era sua e ele, que era um homem

da Invicta – os vinhos do Porto fazia-os nas caves de Gaia, onde repousavam as barricas – não empreendia essa viagem todos os anos de ânimo leve. Vestia-se a rigor, impecável de fato completo de linho branco, apesar do pó e do calor. Sempre que era necessário pernoitar em alguma pousada, Maria José tinha de subir primeiro, para ver se não havia “maus cheiros”. A mulher e mãe dos seus sete filhos, uma Ramos Pinto com ascendência direta a Dona Antónia Adelaide Ferreira, fazia sempre essa viagem com ele e a sua importância na vinha nunca deverá ser subestimada. Mas Nicolau de Almeida era um verdadeiro “nariz”, ao nível dos melhores perfumistas de Grasse e o primeiro contacto com o vinho era feito sempre pelo olfato. Aos seis anos os seus filhos já “cheiravam” o vinho do Porto, mas não lhe podiam tocar. Era, para todos os efeitos, um pai austero, mas inventou um irmão gémeo, o tio Eduardo, para fazer toda a espécie de tropelias com eles.

Dedicadíssimo ao Douro e ao vinho, trabalhava horas esquecidas nas caves, provando lotes, experimentando as melhores soluções para cada um. Era exigen-

te e nunca se dava realmente por satisfeito.

Foi este homem quem, na década de 1940, decidiu fazer no Douro um vinho para rivalizar com “os melhores de Bordéus ou da Borgonha”, os melhores do mundo. Até então o Douro era Porto, ponto final. Até então, o vinho de mesa era carrascão, bebia-se muito e barato. A própria pujança atual dos vinhos do Douro deve-se a ele, claro, mas só aconteceu muitos anos depois destas suas experiências.

O Barca Velha foi a sua criação predileta, porque fazer um Barca Velha é selecionar as melhores parcelas de vinhas e as melhores

Cabe ao enólogo Luis Sottomayor - e apenas a ele - a decisão de declarar ou não um Barca Velha.

uvias dentro de cada parcela. É vinificá-las com todo o cuidado e tratar cada lote como se fosse único, enquanto envelhece e vai revelando todo o seu caráter. Que outro vinho espera oito anos para saber se é vinho? Nenhum. E lembremos que, em 65 anos de Barca Velha, houve apenas 18 edições. Quando o vinho não é declarado, é vendido sob a marca Reserva Especial e essa, por muito boa que seja ou mais elogios que receba, não entra para história.

A hora de todas as decisões

Coloquemo-nos, por um momento, na pele de Luís Sottomayor. É o chefe da equipa de enologia da Sogrape e o responsável direto pela Casa Ferreirinha. Cabe a ele – e apenas a ele – a decisão de declarar ou não um Barca Velha.

Não existe uma forma científica que possa validar a sua decisão. Trata-se de valores etéreos e muitos podem dar-lhe razão, mas muitos outros criticá-lo. Luís Sottomayor tem perfeita consciência do impacto da decisão nas contas da Sogrape, que pode chegar aos dois milhões de euros, porque não se trata apenas do vinho em questão, todos os que se lhe se-

guem – Antónia Adelaide Ferreira, Quinta da Leda, Callabriga, Vinha Grande... têm as vendas afetadas por esta decisão. E isso diz muito sobre a gestão da própria Sogrape. Durante a apresentação oficial do novo Barca, Fernando Guedes, presidente do grupo, acabou por revelar como tinha pedido ao enólogo que este lhe explicasse “afinal, por que razão este vinho é Barca Velha”, mas a resposta foi: “Porque é um vinho misterioso, seja lá o que isso for”, acrescentou o administrador com um sorriso. E é essa liberdade dada ao enólogo que realmente explica bem o porquê da Sogrape levar já dois anos consecutivos a ser considerada como a melhor empresa vinícola do mundo. As prioridades estão onde devem estar. Luís Sottomayor só tem de concentrar-se numa coisa: afinal, aquele vinho em mãos, cultivado, vindimado, vinificado, escolhido e envelhecido por oito anos para ser Barca Velha está ou não à altura do nome?

O enólogo lá acabou por explicar a sua decisão: “Na dúvida, nunca declaro um Barca Velha. Prefiro enganar-me num Reserva Especial do que num Barca Velha. Consigo viver com um Reser-



Beber ou não beber, eis a questão!

As duas perguntas que realmente importam, quando confrontados com um Barca Velha, são estas: devo ou não comprar? E, se sim, posso bebê-lo já ou devo esperar mais uns anos? A primeira pergunta tem resposta fácil, porque não cabe a nós: é assunto para ser resolvido entre si e a sua conta bancária. Podemos, no entanto, acrescentar que uma garrafa deverá custar entre os 350 e os 400 euros. Há quem diga que este é um vinho para apreciadores exigentes e sem dúvida que, quanto maior for o grau de conhecimento, melhor será a experiência, mas é igualmente verdade que já vimos muitos provadores ocasionais ficarem genuinamente maravilhados com a explosão de aromas e sabores de um Barca Velha. Quanto à segunda questão, um pouco de paciência nunca fez mal. Esta versão de 2008 tem uma enorme frescura e isso só pode querer dizer que ainda tem muito para evoluir em garrafa. Não irá certamente arrepender-se de abrir já, mas, caso aguarde mais uns anos, até 15 ou 20, só tem a ganhar.



va que, afinal, até poderia ter sido Barca Velha, mas não o contrário. Foi o que aconteceu na colheita do ano anterior, 2007, que muitos consideram ser de qualidade Barca Velha. Se não tivesse existido 2004, estaria inclinado a concordar, mas esses dois vinhos são parecidos e o de 2007 é ligeiramente inferior. Repito: se tenho a mínima dúvida, prefiro não declarar.”

No caso de 2008 também existiram dúvidas. Durante as inúmeras provas que a equipa de enologia foi fazendo ao longo desses oito anos, Sottomayor conta como “conversava” com o vinho. “Perguntava-lhe: ‘O que queres? Diz-me de que precisas.’ Desde a colheita que sabíamos estar perante um conjunto de características excepcionais, próprias de um Barca Velha, mas durante algum tempo não entendia o vinho. Ele respondia-me, eu é que não o entendia. Até que finalmente comeci a percebê-lo e a toda a sua enorme complexidade.” As dúvidas passaram a certezas: “Precisa de tempo e paciência para desvendar tudo o que vale. Mas vale muito” remata.

De 1952 a 2008 passaram-se 66 anos. Durante esse tempo existiram apenas três responsáveis pela declaração de um Barca Velha: Fernando Nicolau de Almeida, José Maria Soares Franco e Luís Sottomayor – sendo que os três chegaram a coincidir por um breve período, nos anos 1980. Nesses 66 anos as condições no Douro mudaram muito e os vinhos também: onde antes não havia um, hoje em dia é difícil enumerar todos os grandes vinhos produzidos na região. Os conhecimentos sobre a vinha e a vinificação mudaram muito e, se a Barca Velha era uma vinha no Vale Meão, hoje as uvas utilizadas até são da Quinta da Leda. Em 66 anos muito mudou, menos a receita de Fernando Nicolau de Almeida para fazer o seu vinho. Os discípulos conhecem bem a lição e nenhum outro vinho tem de submeter-se a tantas provas para passar no exame. ■



TECNOLOGIA

Os gadgets do vinho

O prazer do vinho é intemporal, mas aqui ficam duas novidades bem modernas que prometem dar um pequeno contributo para o apreciar melhor.

Bruno Lobo
blobo@jornaleconomico.pt

O Coravin parece um saca-rolhas mas é tudo menos isso. Afinal, a sua particularidade é precisamente não sacar a rolha. E, no entanto, o vinho sai. Parece magia, mas é ciência mesmo.

Uma pequena agulha fura o selo e a rolha. Depois, tem de inclinar a garrafa num ângulo de 45° e carregar no botão para libertar o gás árgon que entra na garrafa e expelle o vinho na mesma proporção. No final, é só voltar a colocar a garrafa de pé e retirar o sistema. O buraco que deixa é tão ínfimo que a própria rolha se encarrega de selar. E não se preocupe com a adição do gás no vinho, que é neutro e não afecta minimamente as suas propriedades. A própria Jancis Robinson, a mais influente crítica de vinhos do mundo, reconheceu não notar diferença entre um vinho “coravinizado” e outro não intervencionado.

As vantagens são inúmeras. Afinal, depois de aberto, um vinho deve ser bebido em dois ou três dias. Um pouco mais se usar um sistema de preservação realmente bom, só que esses custam na casa dos milhares de euros – é o que fazem os restaurantes com serviço de vinho a copo. Outra vantagem única é que permite verificar a evolução dos vinhos que esteja a guardar na garrafeira.

Como o nome deixa antever, o Sonic Decanter bombardeia o vinho com ondas ultra-sónicas, por um período entre 10 e 20 minutos. O objetivo, promete a marca, é replicar o processo de envelhecimento de um vinho numa questão de minutos.

Foi lançado como um projeto de *kick starter* e, em pouco tempo, ultrapassou largamente o financiamento pretendido, o que não surpreende: afinal, o que promete é brilhante.

Tão brilhante que nós, genuínos crentes nas capacidades da tecnologia, nem mortos lá colocávamos o Barca Velha agora lançado (ou outro vinho realmente bom). Não vemos como é que consegue mimetizar-se em 20 minutos o processo de inúmer-

ras, mas ínfimas, reações químicas – um processo que ainda hoje tem uma boa dose de mistério para todos os intervenientes. E não há, para todos os efeitos, prova científica de que consiga realmente fazê-lo de alguma forma correta.

Dito isto, a generalidade das pessoas que experimentaram o Sonic Decanter – entre conhecedores e meros entusiastas – parecem concordar que o decantador tem realmente um efeito positivo sobre a maioria dos vinhos experimentados, suavizando os taninos e abrindo aromas. Parece, portanto, uma boa solução para dar outra vida àqueles vinhos mais baratos, demasiado agressivos no início. Até porque a evolução no Sonic não é exatamente a mesma do processo normal de decantar um vinho e, além disso, demora apenas 20 minutos e não uma ou duas horas. ■



Existem já três modelos do Coravin, com preços entre os 200 e os 300 euros. Em baixo, o Sonic Decanter custa 200 euros.

ROTEIRO

GRANDE LISBOA

28/29: Xutos & Pontapés – Se Me Amas – Coliseu dos Recreios – 22h00
Tim, Zé Pedro, João Cabelreira, Kalú e Gui, desta vez em versão acústica, mas com a sonoridade que habituou multidões de seguidores a aplaudir com entusiasmo. Oportunidade para outro desfile de enormes sucessos com uma roupagem diferente. E de tal modo existe profundo interesse que à data inicial, rapidamente esgotada, foi preciso acrescentar outra. Bilhetes entre os 10 (galeria em pé) e os 35 euros (plateia A).



28: Ana Carolina & Seu Jorge – MEO Arena – 22h00
O reencontro da dupla, uma década depois da primeira reunião e em estreia portuguesa.
29: Fragmentos de Cor (exposição temporária) – Museu de Lisboa, Palácio Pimenta (Pavilhão Preto), Campo Grande – 15h00
A possibilidade de uma visita orientada pelos comissários com entrada livre mediante inscrição prévia.

29: Aula de Dança Contemporânea – Fórum Dança (Travessa do Calado, 26B) – das 18h00 às 19h30

29: Acordeões do Mundo: Yousra El Hawary e banda – Teatro Cine de Torres Vedras – 21h30

A música e atriz egípcia estará acompanhada pelo seu grupo. Preço: cinco euros.

Até 30: Mercado de outono – Cascais (Mercado da Vila), entre as 16h00 e as 20h00.

Queijos, enchidos, castanhas assadas, doces, licores, frutos secos e muitos outros produtos típicos desta fase do ano em promoção para toda a família.

29: Norberto Lobo, Giovanni Di Domenico e Tatsuhisa Yamamoto (Denki Udon), Eiko Ishibashi Band – Galeria Zé dos Bois – 22h00
Preço: oito euros.

30: Concerto Sinfónico “Mosaico” (Stefan Jackiw, Pedro Neves, Orquestra Sinfónica Portuguesa) – Centro Cultural de Belém – 17h00
“Ouvertures and Closures”, de

António Pinho Vargas, dá continuidade à ligação da orquestra com o compositor. Concerto para violino de Mendelssohn (op. 64 em Mi menor) e sinfonia nº 2, op. 73 em Ré menor de Brahms são outras obras em destaque.

Até 30: DocLisboa: 14º Festival de Cinema – Culturgest, São Jorge e Fundação Gulbenkian.

Além da competição internacional e nacional, há propostas como a retrospectiva sobre Cuba, o trabalho de Peter Watkins ou nomes como David Bowie, Muhammad Ali, David Lynch, Sidney Lumet ou Mapplethorpe.



30: Festival da Nossa Terra – Quinta de Sant'Ana, Gradiil (Mafra)

Inclui provas de vinhos, visitas às adegas e atividades para crianças. Há também porco assado, pão de Mafra cozido em forno a lenha ou as famosas sopas saloias, além de especialidades alemãs como tarte de cebola ou waffles. Trajes tradicionais da Baviera, danças de folclore português, mostras de artesanato e passeios de trator pelos vinhedos fazem parte do programa. São esperados quase dois mil convidados.

31: Sofia Ramos e Nuno Ramos: Concerto in Fado - Duetos da Sé – Alfama – 21h30

De 1 a 13/11: Misty Fest – Porto, Évora, Lisboa, Coimbra, Loulé, entre outras
Na maior edição de sempre do certame estão envolvidos 21 artistas,

35 espetáculos, 19 salas e 11 cidades. Haverá concertos de Rodrigo Leão e Scott Matthew, Carmen Souza & Theo Pascal Trio, José James, Melingo, Piers Faccini, Enrico Rava Tribe, Hindi Zahra, Dom La Nena, Selma Uamusse, Peter Broderick, De Viva Voz, Andrew Bird, Dino D'Santiago, Cass McCombs Band ou Teresa Lopes Alves.

29: Forever 21 – Centro Colombo – 11h00. A marca de moda Forever 21 inaugura a primeira loja em Portugal com muita música, moda e vouchers com 50% de desconto válidos para o primeiro dia.

PORTO

29: Os Melhores Vinhos do Dão Engarrafados 2016 – Sala de Provas do Porto – Palácio da Bolsa – 18h30

O mote é: “desafie os seus sentidos. Prove o que é único”. Ou seja, 119 vinhos de 32 produtores selecionados pelo júri. Organização ViniPortugal. Preço: cinco euros

29: Minneman Blues Band – Teatro Helena Sá e Costa (Porto) – 23h30.

Se tocou durante a primeira parte de um concerto do lendário Jimi Hendrix, Wolframmm Minneman também já colaborou com Rui Veloso. E gravou um trabalho (“Blues 88”) no Hot Five Jazz & Blues Club.



29: Tiago Bettencourt – Auditório Municipal de Gondomar – 21h30
Preço: 10 euros.

30: Café com Ciência: Tubarão à

GRANDE PORTO

29: Tindersticks – Casa da Música – 21h30
Depois dos concertos de dia 26 em Lisboa, no Teatro Tivoli BBVA, e de 27 no convento de São Francisco em Coimbra, o grupo de Stuart Staples apresenta-se no Porto. Em causa está o 10º álbum de originais de uma banda que se caracteriza pelo intimismo, desde a estreia em 1993. O mais recente trabalho, herdeiro de “The Something Rain”, contou com as participações de Jehnny Beth (Savages) e da já falecida Lhasa de Sela.



vista! – Casa de Serralves – 11h00. Ana Veríssimo, investigadora de pós-doutoramento desde 2012 no CIBIO-InBIO, é licenciada em Biologia Aplicada aos Recursos Marinhos e doutorada em Ciências Marinhas pelo Instituto de Ciência Marinha do estado da Virgínia.

ALGARVE

28: Capicua e Pedro Geraldes apresentam Mão Verde – Cine Teatro Louletano – Loulé
Um espetáculo de âmbito infantil em que são entoadas “lenga-lengas originais” pela voz de Capicua com música de Pedro Geraldes.

29: Poemas e uma Guitarra – Espaço Guadiana (Alcoutim) – 21h30. Vítor de Sousa declama poesia acompanhado pela guitarra portuguesa de Luísa Amaro.

Até 31: Gourmet Culinary Extravaganza – Conrad Algarve (Loulé) – das 19h30 às 22h00. Ao longo de três dias de Extravaganza Gourmet, vários chefs Michelin, coordenados por Heinz Beck, deixam diversas demonstrações da sua arte em conjugação com vinhos portugueses.

COIMBRA

31: Halloween Special 2016 com Jesus del Campo e Johnny Pereira – Coimbra (Avenue Club)
A partir das 23h55.

31: 11 Minutos de Jerzy Skolimowski – TAGV – 21h30

SETÚBAL

28: Caminhada Noturna – Moinhos de Palmela – 21h30
O encontro será no estacionamento do Jardim da Alameda de Palmela. Preço: cinco euros para adultos

(crianças até 12 anos não pagam).

29: Yoga para crianças – Barreiro (Cooperativa Casa do Caminho) – Todos os sábados às 11h00

29: Colin Stetson – Auditório Municipal do Fórum Seixal – 22h00

Integrado no Festival SeixalJazz 2016, o saxofonista norte-americano, nascido em Ann Arbor, no estado do Michigan, assume-se como um exemplo carismático em diversas vias, incluindo improvisação, indie, etc. Stetson tem o seu talento bem reconhecido e já foi parceiro de gravações de Laurie Anderson, Tom Waits, The National, Arcade Fire, Bon Iver, LCD Soundsystem, Animal Collective, Chemical Brothers ou TV on the Radio. Bilhetes: 10 euros. Assinatura (seis dias): 50 euros.

31: Caminhada de Halloween nas encostas de Palmela – 21h00
Susto, diversão e aventura num passeio pelo Castelo, Serra do Louro, moinhos de vento, castro de Chibanes e alto da Queimada. Com regresso ao ponto de partida. Preço: 10 euros.

BRAGA

28 a 30: Festival Semibreve – Theatro Circo, gnration e Casa Rolão Braga vira excêntrica com um dos festivais de música eletrónica mais importantes. E muita arte digital à mistura. É o caso do espetáculo de abertura, com uma das mais promissoras compositoras da América do Norte, Kara-Lis Coverdale, que irá atuar com o artista plástico Marcel Weber, aka MFO, para criar um show de “som, música, luzes e espaço.” Preço: 35 euros (passe geral), 15 euros (um dia) e nove euros (sala principal).



Renascença
A PAR COM O MUNDO.



CARLA ROCHA

**MANHÃ
DA RENASCENÇA**

2ª A 6ª FEIRA • 6H30 - 10H



**17 DE OUTUBRO É DIA DE MUDAR.
VAMOS COMEÇAR A MANHÃ
A PAR COM O MUNDO.**

RR.SAPO.PT

CINEMA

Muito mais do que uma família numa batalha emocional

Um elenco de luxo destaca-se na sexta obra do jovem cineasta Xavier Dolan que adapta a peça do malgrado Jean Luc Lagarce.

Paulo Jorge Pereira
ppereira@jornaleconomico.pt

Xavier Dolan transformou no seu sexto filme a peça de teatro homónima que Jean Luc Lagarce escreveu em 1990, cinco anos antes de ser vítima de SIDA. A história é de fortíssima intensidade e o filme, distinguido com o grande prémio do júri no festival de Cannes, estreou-se em Portugal durante a 17ª Festa do Cinema Francês: um escritor de sucesso volta a casa após 12 anos de ausência para dar a notícia mais indesejada. O que se segue é mais de hora e meia de uma família às voltas com a incapacidade de comunicação e uma dolorosa batalha emocional.

Com um elenco que inclui alguns dos mais influentes atores franceses da atualidade, a película foi escolhida para representar o Canadá na categoria do Óscar



O sexto trabalho de Dolan foi o escolhido para representar o Canadá no Óscar para melhor filme estrangeiro.

Na carreira de Dolan, que inclui trabalhos como ator, para trás ficam os filmes “J’ai tué ma mère”, “Les Amours Imaginaires”, “Laurence Anyways”, “Tom à la Ferme” e “Mommy”. ■

Género: Drama; **Realizador:** Xavier Dolan; **Elenco:** Marion Cotillard, Léa Seydoux, Vincent Cassel, Nathalie Baye, Gaspard Ulliel; **País:** Canadá/França; **Duração:** 97m.

ESTREIAS

O Tesouro



Um pacato cidadão de Bucareste não imagina as consequências de abrir a porta a um vizinho que vem para lhe pedir um empréstimo. A conversa ganha nova dimensão perante a hipótese de encontrar um tesouro, alegadamente escondido pelo avô no quintal antes da chegada dos comunistas. **Género:** Comédia; **Realizador:** Corneliu Porumboiu; **Elenco:** Toma Cuzin, Adrian Purcareaşcu, Corneliu Cozmei; **País:** Roménia/França; **Duração:** 89m.

Doutor Estranho

Mais uma personagem saída dos livros de Banda Desenhada que ganha vida no grande ecrã – neste caso, trata-se de Stephen Strange, uma figura criada em

1963 por Steve Ditko. É a história de um cirurgião cujas marcas distintivas principais são não apenas o inigualável talento, mas também a incrível arrogância. Porém, num acidente, Strange fica com as mãos em más condições e vai esgotar todos os recursos para as recuperar. Um dia chega aos Himalaias e conhece a Anciã.

Género: Ação/Aventura; **Realizador:** Scott Derrickson; **Elenco:** Rachel McAdams, Benedict Cumberbatch, Mads Mikkelsen, Tilda Swinton, Chiwetel Ejiofor; **País:** EUA; **Duração:** 130m.



O Bosque de Blair Witch

Em 1999 houve “O Projeto Blair Witch” e este filme de Adam Wingard é, no fundo, uma continuação desse filme que ficou assinalado por duas questões essenciais: um orçamento de dimensão muito re-

duzida, mas também a forma invulgar como foi apresentado através de arrojadas propostas no âmbito do marketing. Resultado: um estrondoso sucesso de bilheteira e, salvaguardadas as devidas distâncias, uma convicção entre parte do público semelhante ao que sucedera com “O dia em que a Terra parou”, de Orson Welles – a de que algo que não passava de pura ficção poderia, afinal, ser um produto real. Neste caso, Heather, Joshua e



Michael, estudantes de cinema, desapareceram depois de acamparem num local envolto em lendas. James, irmão de Heather, tenta localizá-la e acampa no local com amigos.

Género: Thriller; **Realizador:** Adam Wingard; **Elenco:** James Allen McCune, Callie Hernandez, Corbin Reid, Wes Robinson, Valorie Curry; **País:** EUA; **Duração:** 89m.

NOVIDADES

“Hillary Clinton - Nunca é Tarde para Ganhar”, de Germano Almeida (Prime Books)

A obra engloba parte de perfil/percurso que inclui perspectiva objetiva e subjetiva, neste caso com a escolha de cinco grandes momentos; outra mais ligada à eleição e com “muita presença de Trump” e a última com testemunhos de convidados que incluem quem trabalhou perto de Hillary. Chega no início de novembro, sendo apresentado no Porto a 11 e em Lisboa a 21. O autor escreve sobre política dos EUA desde 2003 e este é já o terceiro livro.



“deus-dará”, de Alexandra Lucas Coelho (Tinta da China)



Este é o livro que sucede a “E a Noite Roda”, distinguido com o Grande Prémio de Romance e Novela APE de 2012, mas também a “O Meu Amante de Domingo”, considerado livro do ano para o diário “Público” e para a revista “Time Out”. Desta vez, a autora escreve um romance que estabelece pontes na lusofonia – Portugal e o Brasil com mais de cinco séculos de relacionamento. A obra será apresentada na livraria Flâneur (Porto), dia 4 de novembro.

“A escada de Istambul”, de Tiago Salazar (Leya - Oficina do Livro)

Em síntese da editora, o autor “resgata do esquecimento várias gerações desta família e compõe, a partir de factos e documentos reais, uma ficção na qual ele próprio deambula como personagem”. No fundo, “em Istambul, confluência de mundos, uma estranha escada desperta a atenção do autor deste romance que decide ir atrás da sua história. Ela confunde-se, porém, com a saga dos seus construtores”.



“Quando ela era boa”,

de Philip Roth (D. Quixote)



Eterno candidato ao Nobel da Literatura e já distinguido com inúmeros galardões, entre os quais o Pulitzer, em 1998, por “Pastoral Americana”, Roth torna a deixar bem evidentes os traços de mestria que identificam a sua escrita. Aqui está em causa o retrato de um casal que acaba por dar uma panorâmica de uma parte da América mais tradicional e conservadora. Sai no próximo dia 8 ao preço de 17,01 euros.

“Um Otimista na América”, de Italo Calvino (D. Quixote)

De Cleveland a Chicago, passando por Detroit, San Francisco, Los Angeles, Montgomery, Nova Orleães, Savannah ou Houston, este livro é uma espécie de crónica da viagem inicial do autor aos Estados Unidos, de novembro de 1959 a maio do ano seguinte. Oportunidade para relembrar o encontro com Martin Luther King e escritores, representantes de sindicatos, editoras ou empresários.

